



## DEMOCRACIA SOB ATAQUE

# Lula se reunirá com os comandantes militares

Encontro ocorrerá após presidente admitir desconfiança em relação a integrantes das Forças Armadas. Chefe do Executivo exonera 40 membros das corporações

» INGRID SOARES  
» KELLY HEKALLY  
Especial para o **Correio**

Após admitir “desconfiança” em relação à atuação de militares ante os ataques e depredações em Brasília, no último dia 8, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva dispensou 40 integrantes das Forças Armadas que atuavam na coordenação de administração do Palácio da Alvorada no regime de gratificação.

Em meio a relações estremeçadas com os militares, Lula deve se reunir, ainda nesta semana, com os três comandantes das Forças Armadas e com o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro. A pauta oficial é a modernização das corporações.

O ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, negou que a reunião seja um agrado às Forças Armadas. “Não é afago porque não é novidade. O presidente não pediu isso agora, ele pediu antes. Antes de escolher os comandantes, ele disse que gostaria de receber e alinhar a modernização das Forças Armadas com o que as principais nações fazem”, frisou, após almoço, ontem, com Monteiro. “Isso foi pensado antes dos ataques. Não é uma reação, compensação mitigadora do que aconteceu.”

Costa enfatizou que Lula havia pedido às Forças, em dezembro, uma proposta em relação à modernização. “Eles já estão prontos, e nós vamos marcar agora. Vou tentar a agenda ali do presidente até sexta-feira, para ele assistir à apresentação deles, da modernização, dos investimentos, de que forma podem se alinhar nesse conceito”, frisou.

O ministro evitou atrelar as medidas aos atos terroristas. “Diria que não podemos, de forma nenhuma, permanecer com nossas instituições contaminadas por esse conceito que se encerrou de governo no dia 31. Qualquer nação do mundo, se ela quer se desenvolver, se quer ser forte, democrática, tem de ter instituições de Estado, e não de governo, e instituições fortes”, destacou. “Um sistema judicial forte, com um Ministério Público forte, com Forças Armadas fortes, mas que sejam e pensem enquanto projeto de Estado. As ações de governo estão sendo pensadas e planejadas, não somente para o governo Lula, mas como políticas de planejamento de Estado, de longo prazo. E não podemos misturar isso com comportamentos inadequados de um, de dois, de 10.”

Ricardo Stuckert/PR



Lula com Rui Costa: presidente dispensou militares do Palácio da Alvorada e da Granja do Torto

### » Segurança presidencial

A responsabilidade sobre a segurança do presidente Lula ainda é uma incerteza dentro do governo federal. Desempenhada historicamente pelo Gabinete de Segurança Institucional (GSI), composto por militares, mas atualmente realizada pela Polícia Federal, a guarda pode passar a acontecer em outro modelo. Ao ser questionado se a atribuição continuaria com a PF, o ministro da Casa Civil, Rui Costa (PT), afirmou que o tema está em análise e que o chefe do Executivo pediu um levantamento sobre modelos de segurança presidencial. “O presidente pediu que nós estudássemos modelos de segurança institucional que são feitos em outros países. Estamos analisando isso para ver o melhor formato, o mais moderno”, afirmou.

Lula e Monteiro também se encontraram na segunda-feira. A agenda não constava nos compromissos presidenciais. A informação foi passada ao **Correio** por fontes próximas ao chefe do Executivo.

### Substituição

Entre os 40 militares dispensados por Lula, está o coronel Marcelo Ustra da Silva Soares, primo do torturador da ditadura militar Carlos Alberto Brilhante Ustra.

Já no Gabinete de Segurança Institucional (GSI), que funciona no Palácio do Planalto, ao menos três perderam as funções. Também foi incluído um cabo que atuava na Granja do Torto, outra residência presidencial. As portarias com as dispensas foram publicadas no Diário Oficial da União (DOU) de ontem.

Em café da manhã com jornalistas, na semana passada, Lula sinalizou usar como ajudante de ordens servidores que já trabalhavam com ele, justamente

por causa da perda de confiança em relação a militares.

Lula afirmou, na ocasião, que o Planalto estava “repleto de bolsonaristas” e que pretende fazer uma “triagem profunda” no prédio com o objetivo de formar um “gabinete civil”.

Rui Costa ressaltou que “ainda tem muita gente para sair” nessa reformulação do novo governo. Segundo ele, as substituições deverão ocorrer em maior volume a partir do dia 23 até o fim do mês.

“A troca de assessores, que são cargos comissionados, estão ocorrendo em todos os ministérios, e ocorrerão independentemente de serem militares ou civis”, disse.

Ele alegou que as mudanças são naturais. “Não se trata de confiança. É normal que, mesmo dentro das Forças Armadas, haja um rodízio, para dar oportunidade a outros militares, até porque outras pessoas têm capacidade técnica para exercer esses cargos. Não tem nenhuma novidade ou mistério. Se mudou a filosofia, o conteúdo tem que mudar.”

## Viagens pelo país

A agenda de viagens do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi prorrogada e os compromissos começarão pelo Rio de Janeiro, na primeira semana do próximo mês. No estado fluminense, a entrega de obras será na área da saúde, junto à Prefeitura da cidade, conforme informou o ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa.

O prefeito do Rio, Eduardo Paes (PSB-RJ), é aliado de Lula. No último fim de semana, Costa declinou de uma entrega, previamente organizada para a próxima sexta-feira, do Minha Casa, Minha Vida, na Bahia, que simbolizaria a retomada do programa. O ministro constatou que há muitas obras em atraso.

Na gestão de Jair Bolsonaro (PL), a iniciativa passou a se chamar Casa Verde Amarela — a alteração de nome foi criticada largamente por Lula na campanha de 2022.

Para o estado do Nordeste, a viagem será também na primeira semana de fevereiro, disse o ministro. A data não foi anunciada. Na sequência, Lula vai visitar o Pará, para entregar obras de saneamento básico.

Rui Costa informou que haverá, além de entregas de obras, o anúncio de intervenções com recursos federais em estados, bem como a continuidade de construções paradas e abandonadas, razão pela qual, conforme o ministro, a agenda da Bahia foi cancelada. (KH)

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



## Zema, Leite e Tarcísio já disputam a liderança da direita

O ex-presidente Jair Bolsonaro não morreu, mas a possibilidade de que venha a se tornar inelegível, em razão de seu envolvimento na tentativa de golpe contra a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, precipitou uma corrida entre os governadores de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo); do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB); e de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Cada um, ao seu estilo, busca liderança das forças conservadoras do país para a formação de uma nova direita, mais moderada e comprometida com a democracia.

Essas são as peças que estão se movendo no tabuleiro, no lusco-fusco do isolamento da extrema direita, num ambiente político em que a polarização Bolsonaro versus Lula se mantém na base do “hay gobierno, soy contra”. A expressão criada pelos anarquistas espanhóis é a tradução popular de uma filosofia que vê todas as formas de autoridade governamental como desnecessárias e indesejáveis. Uma utopia irrealizável, o anarquismo defende uma sociedade baseada em cooperação voluntária e livre associação de indivíduos e grupos. No Brasil, o bolsonarismo incorporou a violência anárquica como forma de luta.

O bolsonarismo cresceu no bojo do sentimento antigovernista das manifestações de junho de 2013, contra o governo Dilma Rousseff, que desaguarão no impeachment da presidente da República e, depois, em 2018, na eleição de Jair Bolsonaro. Existe na classe média, principalmente entre profissionais liberais e empreendedores, um sentimento do tipo “hay gobierno, soy contra”, por causa dos impostos, da má qualidade dos serviços públicos e da ojeriza à política e aos políticos por causa da corrupção. De certa forma, Bolsonaro conseguiu capturar esse sentimento, somando esses setores a uma base eleitoral reacionária, até então formada por corporações que integram o “partido da ordem”, e conservadora, alicerçada nos evangélicos e na defesa da família unicelular patriarcal.

Como Jair Bolsonaro, Romeu Zema foi catapultado ao governo de Minas pelo tsunami eleitoral de 2018. Reeleito no primeiro turno, apoiou Bolsonaro no segundo turno e, agora, está assumindo o protagonismo na oposição ao governo Lula e ao Supremo Tribunal Federal (STF), com ataques ao ministro da Justiça, Flávio Dino, que responsabiliza pelo vandalismo na Praça dos Três Poderes, acusando-o de omissão, e ao ministro Alexandre de Moraes, pelo afastamento do governador de Brasília, Ibaneis Rocha, que considera arbitrário e inconstitucional. Minas Gerais é um estado decisivo nas eleições presidenciais; no segundo mandato, é natural que Zema tenha pretensões de se tornar presidente da República. Saiu na frente na disputa pela liderança da oposição conservadora.

### Polarização e terceira via

De certa forma, Lula aceitou a polarização com Zema. O ministro da Justiça, Flávio Dino, que é senador eleito e ex-governador do Maranhão, não rebateria o governador mineiro com a dureza que o fez sem autorização do presidente da República. “Me espanta que o governador Zema tente vestir a roupa do Bolsonaro. Não cabe nele... É preciso que ele tenha algum amigo sincero que diga a ele... Primeiro, porque Minas Gerais é a terra de Tiradentes, de Tancredo Neves, é a terra da democracia... Então, não é possível que um governador, de modo vil, se alinhe à extrema direita para proteger terrorista. Fica feio...”

O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, também reeleito, é outro que já está se lançando ao pleito de 2026. É uma novidade na política brasileira. Defende uma agenda econômica neoliberal, mas esse conservadorismo não se traduz em pauta dos costumes, quando nada porque Leite é gay assumido, num estado de grande tradição machista. A estratégia de Leite é a formação de um grande partido de direita moderada, a partir da ampliação da federação do PSDB com o Cidadania, somando-se ao Podemos, que acaba de incorporar o PSC, na esperança de viabilizar uma nova “terceira via”. Supostamente, isso possibilitaria tomar a bandeira da ética de Bolsonaro, para disputar a liderança moral da sociedade. Leite tem dois problemas: somente venceu as eleições com apoio do PT, que negociou sua neutralidade; e não terá amplo respaldo dos bolsonaristas. Além disso, só há um precedente de presidente gaúcho eleito pelo voto direto, Getúlio Vargas, em 1950, mesmo assim depois de ter governado o Brasil por 15 anos como ditador. Entretanto, precisa de apoio federal para fazer um bom segundo mandato.

A maior vitória de Bolsonaro em 2022 foi a eleição do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, seu ex-ministro da Infraestrutura, quebrando a longa hegemonia tucana. O Palácio dos Bandeirantes tradicionalmente é o ponto de decolagem de candidatos a presidente da República, por ser o estado mais rico e mais populoso, com quase um terço do eleitorado. Sua candidatura atropelou o ex-governador Rodrigo Garcia (PSDB), que contava com amplo apoio político e operou fortemente para remover a candidatura presidencial de seu antecessor, João Doria (PSDB), para não confrontar o eleitorado bolsonarista.

Tarcísio é um player das eleições de 2026, mas somente será candidato à Presidência se Bolsonaro ficar inelegível e lhe apoiar, o que não é o mais provável. De todos os pretendentes, é o que mais representa os interesses do empresariado paulista, mas isso também não garante a eleição de ninguém, haja vista o fracasso eleitoral dos governadores Orestes Quércia (MDB), José Serra (PSDB) e Geraldo Alckmin (então no PSDB) em disputas presidenciais. Dos três, Tarcísio é o que tem a maior sombra de futuro: pode concorrer à reeleição e somente disputar a Presidência em 2030.

## Líder do PT recorre ao STJ contra Zema

» GUILHERME PEIXOTO

**Belo Horizonte** — O líder do PT na Câmara, Reginaldo Lopes (MG), acionou o Superior Tribunal de Justiça (STJ) contra o governador mineiro Romeu Zema (Novo). A peça, protocolada na segunda-feira, questiona a declaração do gestor de que o Executivo federal fez “vista grossa” para os atos golpistas de 8 de janeiro, com a intenção de se fazer de vítima.

A ação movida por Lopes é assinada, também, por Zeca Dirceu (PR), que, a partir de fevereiro, vai substituí-lo como líder do PT na Câmara. Eles pedem que Zema aponte, de fato, as possíveis acusações presentes em sua declaração e apresente provas.

“Trata-se de uma afirmação torpe, reprovável, caluniosa, incompatível com a dignidade e com a estatura de quem governa

Westley Amaral/Agência Câmara



Lopes: pedido para que governador apresente provas de acusação

um dos maiores e mais importantes estados da Federação, na medida em que, entre outras aleviosias, tenta responsabilizar

as próprias vítimas do ataque, que teriam, por suas autoridades e comportamentos, feito ‘vista grossa’ para permitir e viabilizar